

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE JUNHO DE 1913

N.º 345

Assumptos artisticos

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



Recolhendo
(Quadro do pintor Gyrão)

(Phot. de ●●●)

Arcebispo de Braga

INESPERADAMENTE se espalhou a nova triste do fallecimento d'este venerando prelado e applicando-lhe este epitheto resta-nos a consciencia de que bem se ajusta ao illustre bispo, não menos digno de veneração pela austeridade da sua impolluta vida, do seu rijo character, da sua affabilidade que só apreciavam os que o surprehendiam na recatada esphera do seu simplicissimo viver, do que pelo seu invulgar talento e rara erudicção.

E porque entre o clero portuguez não abundam os que alliem tão subidos dotes de bondade a prendas distinctas de intelligencia, o Sr. Dr. Dom Manuel Baptista da Cunha affirmou-se desde verdes annos pela sua incontestavel valia, subindo sempre pelos seus reconhecidos e comprovadissimos merecimentos, aos quaes deveu as espinhosas missões em que foi successivamente investido, até ser decorado com as honras inherentes aos Principes da Egreja.

E' preciso dizer e redizer, alto e claro, para que se oiça, que não foi a protecção da politica que collocou no solio primacial de Braga o erudito arcebispo mas os seus meritos que vinham affirmados inilludivelmente desde quarenta annos. Foi longa, experimentada e brilhante a sua carreira.

Vigario Geral e Professor em Aveiro, tão superior tino revelou na direcção d'esse bispado, que lhe quizeram confiar a administração da diocese de Pinhel, da qual se escusou, apoz repetidas e persistentes instancias.

De Aveiro veio, e em quadra difficil, para o Seminario de Coimbra, onde ficou rememorada a sua vida recolhida e trabalhosa.

Em 1888 foi preconisado Arcebispo de Mitylene e com muito superior desdicação occupou o logar espinhoso de Vigario Geral do Patriarchado e Presidente da Relação Ecclesiastica.

Remodelou todos os serviços e soube-se impór pelas suas apreciaveis qualidades de methodico trabalhador. Tinha horas e dias marcados para tudo; ninguém, n'esses dias e horas designadas, o procurava de balde, e jámais foi consultado, ainda nos assumptos mais melindrosos e dificeis, que não obtivesse rapido, prompto e seguro conselho.

Theologo e jurisconsulto, conhecia a fundo os dois direitos — sagrado e profano, e habilmente versava o direito administrativo, em que não raras vezes ouvia o seu douto conselho o proprio sr. José Luciano de Castro, cuja competencia juridica n'esse ramo de direito, é de sobra conhecida.

O arcebispo de Braga não foi um orador; mas claro, preciso,

sobrio e vernaculo no seu dizer, a sua exposição era ouvida sem enfado, e com crescente interesse.

Enthronisado na Sé Primacial, o Dr. Baptista da Cunha succedeu ao pontificado d'aquelle bonissimo D. Antonio José Freitas Honorato, morto em cheiro de sanctidade; mas porventura a candida ingenuidade e a proverbial bondade d'esse sancto prelado, requisitava para a successão uma forte organização disciplinadora.

E Deus, que vela sua Egreja, deu á Sé de S. Pedro de Rates o prelado que as circumstancias demandavam.

Sem assomos de violencia, alliando a affabilidade á inquebrantavel disciplina, o Dr. D. Manuel Baptista da Cunha, soube corrigir e admoestar, tomando acertadas providencias em muitos assumptos que exigiam energia e saber.

Soube, e n'isto vae tambem o elogio do seu criterio, associar

ao seu pontificado homens de alto valor e de largas vistas, entre elles Monsenhor Xavier da Cunha, que em qualquer parte do mundo catholico seria uma figura proeminente, tão vastas e pujantes são as suas faculdades.

Não lhe faltaram tribulações, mortificações e acerbos desgostos, embora tivesse dias de inesquecivel alegria. A festa da peregrinação nacional ao Sameiro, por occasião do quinquagenario da definição da Immaculada Conceição, foi data que nunca por certo olvidou o sr. Arcebispo, que n'esse dia viu no paço dos Senhores de Braga, conjunctamente com o representante do Papa, todo o episcopado portuguez. Esse dia compensou-lhe muitas amarguras preteritas, e a recordação d'elle suavizou-lhe profundos dissabores subsequentes.

E lá se finou no exilio, longe da sua Sé, que elle tanto amou, e fóra do paço onde os seus antecessores exhalaram o derradeiro alento; mas ao menos... o seu clero e os seus collegas no episcopado prestaram-lhe a mais imponente homenagem que, n'estes ultimos 30

ou 40 annos, se tem tributado a um prelado, associando-se n'um preito rendido de saudade e grande pela expontaneidade, o povo simples e bom da sua diocese, que tantas vezes recolhera, respeitosamente, a sua benção pastoral.

S. F.



Dom Manuel Baptista da Cunha

Arcebispo de Braga
(† a 13 de Maio de 1913)

MAL DE AMOR

Abandonou-me emfim a ultima esperanza
De se acabar de vez esta amargura minha!...
Pois eu, perdendo em ti a minha confiança,
Não olvidei o amor que inda te tinha!

CAMPOAMOR.

Oliveira Lima

«A nossa diplomacia», «Os nossos diplomatas», duas conferencias notaveis

É um nome em evidencia na diplomacia brasileira. É mesmo neste momento o mais discutido de todos, tal voga lhe tem dado os ultimos acontecimentos. O dr. Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores, removeu-o de Bruxellas para Londres e esse acto politico originou uma campanha capitaneada pelo presidente do Senado, Pinheiro Machado, que querendo collocar outro ministro naquella legação, emprega todos os esforços para que o Senado não approve a nomeação do dr. Oliveira Lima, pretextando a incompatibilidade d'esse cargo com a independencia das ideias por elle expostas sobre restauração monarchica no Brasil.

Mas como esse diplomata, que entre nós passou a sua mocidade, é dos mais cotados pelos seus serviços ao Brasil, pela sua obra de escriptor e de publicista, pelas suas conferencias praticas na Belgica, em França, no Japão, nos Estados Unidos e no Brasil, e propriamente pelos seus trabalhos de diplomata, essa injusta campanha é vigorosamente combatida pela maior parte dos jornaes fluminenses.

O *Brasil-Portugal* honra-se de publicar hoje juntamente com o ultimo retrato do dr. Oliveira Lima, alguns trechos interessantes das duas notaveis conferencias que sob os titulos «A nossa diplomacia» e «Os nossos diplomatas» elle acaba de realizar em S. Paulo e no Rio de Janeiro.

Da primeira:

«Um ministro francez, meu conhecido, dividia os diplomatas em duas categorias: a dos cavallos de luxo ou de montaria, e a dos cavallos de tiro, de atrelar aos carroções. A estes cabe o trabalho, aos outros a parada, o que os hispano-americanos chamam «el lucir». Já se sabe, ninguem quereria pertencer á segunda classe, mas a distincção é alheia á propria vontade. Depende, no caso dos cavallos, do physico; no dos agentes diplomaticos, da intelligencia. Em diplomacia os cavallos de caminhão são os bons, os finos; os de cortezias são os inuteis, os malandros, embora amestrados em alta escola. Sirva isto de consolo aos que se julgam lesados na distribuição de favores, e qual a distribuição que se pode gabar de ser absolutamente equitativa?

Entre esses favores avulta naturalmente o de florear na Europa, em contraposição a londrear na America do Sul. A Europa tem attractivos colossaes. Os vapores despejam cada anno nos «boulevards» milhares de brasileiros, que só regressam quando os chamam suas obrigações ou se lhes mirra a bolsa. Que admira que os diplomatas tambem prefiram por lá andar? Montmartre é menos imponente, mas infinitamente mais divertido do que o Chimborago, e quanto ás margens do Sena, não serão tão pittorescas quanto as do Magdalena, mas são mais casquilhamente povoadas. Não é porém possivel acreditar todo o corpo diplomatico entre o Tejo e o Neva: devem ficar alguns entre o Orenoco e o Prata. Ocioso é lembrar, a tal proposito, que os nossos interesses po-

liticos residem no nosso continente, pelo menos na hora presente. Nos principios da nossa historia diplomatica, nós fizemos parte integrante, posto que distante, da politica europeá. Acabavamos de ser o prolongamento colonial de metropoles europeas, e a presença de Dom João VI no Rio de Janeiro invertera mesmo durante annos, no tocante a Portugal, os termos estabelecidos. A Santa Alliança olhava suspeitosamente para um imperio democratico como o do Brasil, que fazia lembrar na concepção o imperio plebiscitario de Napoleão, e achava que Dom Pedro I tinha romantismos perigosos a respeito de Constituições. A Hespanha tratava ainda de recuperar o perdido, jogando com a influencia russa, e Portugal, para não ser esbulhado sem compensações da sua posse tradicional, appellava para a mediação ingleza. A' Austria entretanto, mais pratica do que mystica, não convinha que a Russia sahisse fora de certos limites e fizesse artigo forçado de exportação do absolutismo monarchico, preconizado na therapeutica do Velho Mundo. A Inglaterra por seu lado regulava seus passos pelos da França, á qual os Bourbons e seus illustres paladinos — Chateaubriand, Richelieu, Villèle — queriam refazer um resplendor com o brilho do metal das colonias alheias.

Não é possivel destrinçar a historia diplomatica do Brasil da da Europa, pelo menos até á Regencia: emquanto Barbacena e Itabayana negociavam em Londres empréstimos, que em parte eram destinados a sustentar os direitos da successão de Dom Pedro ao throno portuguez, o visconde da Pedra Branca discretava em Paris com os libraes cartistas e fazia madrigaes ás duquezas do «faubourg»; o marquez de Rezende dava em Vienna bons conselhos a Dom Miguel, que os armazenava para a velhice, e monsenhor Vidigal — um padre, dos nossos, que foi diplomata e não desmereceu do conceito contido na expressão — alcançava da Santa Sé o reconhecimento em favor da corôa brasileira dos privilegios regalistas da corôa portugueza, com que tanto reclamo se fez o marquez de Pombal.

Depois é que se foi formando aos poucos a chamada politica americana — chamada não sem razão — que nos primeiros tempos da Independencia esperava, porque o governo de John Quincy Adams não quiz entender do mesmo modo que nós a doutrina de Monroe. Com alguma ingenuidade a tomamos ao pé da letra e tinhamos querido que servisse de base a uma alliança offensiva e defensiva, que Henry Clay julgou extemporanea.

O Brasil capacitou-se, todavia, a certa altura do seu rumo, que o eixo da sua diplomacia ia de Washington ao Rio da Prata, ainda que na Europa permanecessem vivos os seus interesses economicos. Basta para isto que esteja na Europa o seu viveiro de capitães e de braços, e que não lhe seja facil tarefa convencer os governos europeus de que mais lucro tirarão de mandar os seus nacionaes para os nossos Estados do que para suas colonias. Esta persuasão pode nunca chegar a formar-se, mas os emigrantes não obstante hão de vir, porque não se possui impunemente riqueza e belleza. A's noivas com taes predicados combinados não ha meio de faltar pretendentes, e o Brasil tem por si a abundancia dos seus recursos a explorar e os attractivos cada vez maiores da sua residencia. A colonisação está-lhe assegurada para quando houver amplos meios de comunicação do interior para a costa; supposto, bem

Diplomatas brasileiros



Dr. Oliveira Lima

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



O marinheiro

(Quadro de Constantino Fernandes, adquirido para o Museu)

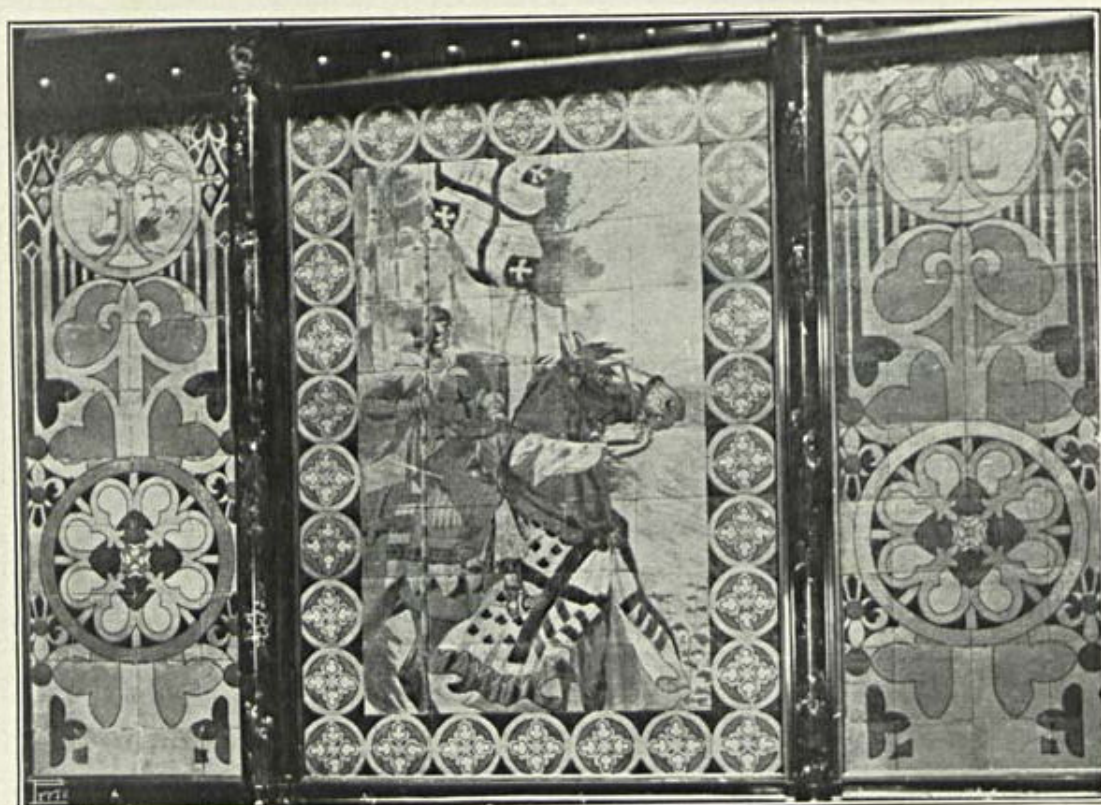
entendido, que tenhamos sempre ordem publica, tolerancia para com as idéas, e uma rigida moralidade na justiça.»

Da segunda:

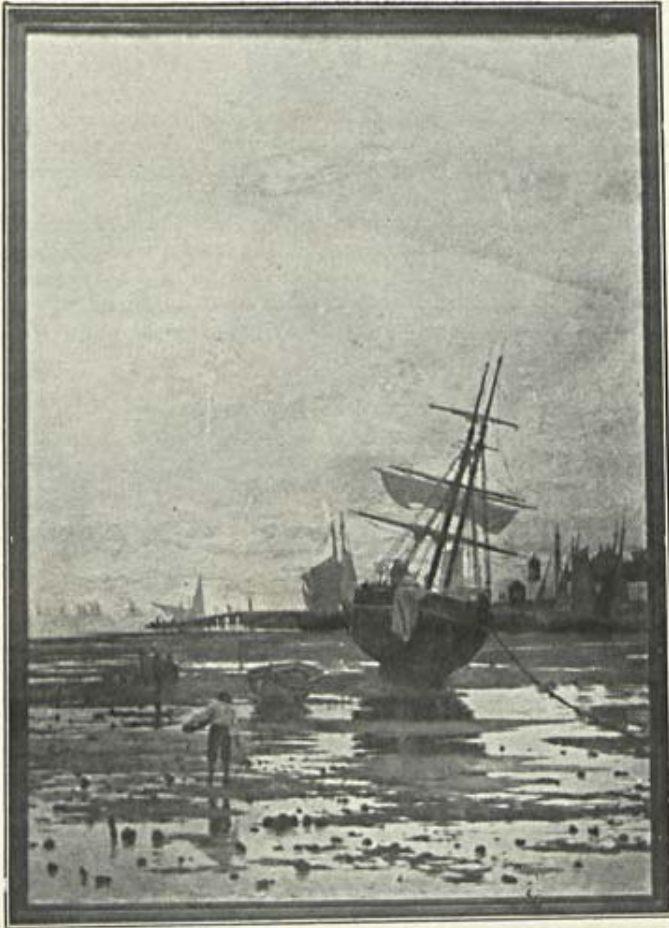
«A melancolia da vida, e principalmente da vida diplomatica, está na velhice, se é que a alegria esteve na maturidade. O diplomata acaba não raro por desnacionalizar-se, sem que no entanto o seu espirito fique pertencendo de veras a qualquer outra nação. Para elle se inventou especialmente o termo vago, pretencioso, um tanto irritante no seu significado equivoco, de cosmopolita.

Cidadão do mundo, o que quer isto dizer, fóra da rhetorica da philosophia natural? Que se não é de paiz algum, porque a nenhum se quer com amor de filho, embora se estime ou odeie a todos como parentes.

Os Francezes, em quem o patriotismo é tão acceso, flagellam esses cosmopolitas com o epitheto de «Sans patrie», um equivalente europeu do paria hindú, e muitos ha que ainda chegam a reputar suspeito todo individuo que muda frequentemente de terra. A doença, tão dos nossos dias, que Jules Claretie, appellidou «la



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes — Azulejos, de Jorge Colaço



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

O cair da tarde
(Quadro de João Vaz)

bougeotte» e que consiste na curiosidade insaciavel de novos horizontes e de novas gentes, levando a constantes deslocações e viagens, só modernamente entrou a fazer estragos em França.

Ha uns 20 annos, passados, o advogado do senhorio da casa em que Eduardo Prado vivia na rua de Rivoli, por occasião do famoso processo por injurias intentado pela «concièrgie» contra o nosso espirituoso patricio, o qual procurára para seu defensor um neto de Berryer e muito se desvanecia de tal patrono, exclamava em pleno tribunal: — «Mr. Prado! mais qu'est ce que Mr. Prado?... Un nomade!» Era o desprezo do recato domestico pela aventura cosmopolita, o grito de revolta de Sancho Pança contra Don Quixote. Ora, os diplomatas não são outra cousa senão «des nomades».

Alguns conservam vivo e até aggressivo o feitio nacional. São muito menos frequentes: os collegas tratam-nos de caipiras, de sujeitos refractarios á cultura fina, de temperamento avessos á diplomacia, como se esta fosse um leite de Procusto das elegancias e da prosapia, para o qual todos devem offerecer a mesma medida e o mesmo aspecto.

Outros ageitam-se por forma tal aos meios estrangeiros de sua preferencia, que do primitivo individuo não resta mais, depois de algum tempo, em certos casos, de que a côr. Eduardo Prado, que acabo de recordar incidentalmente e que era, como sabeis, um ironista, dizia-me em Londres, um dia, ao comer em minha casa uma moqueca — pernambucana, ainda que o côco viesse da Jamaica — que o ultimo traço de

patriotismo a desaparecer era o paladar. Ai do paiz natal, quando o estomago só se deleitar com acepipes estrangeiros.

A's vezes a transformação é involuntaria, da mesma forma que outras vezes é calculada adaptação. A idade, por exemplo, pode bem explicar aquella. Referiu-me ha bastantes annos, mais de trinta, um compatriota nosso, a impressão que tivera, ao conhecer na Russia, para onde fôra mandado servir como addido de legação, o seu chefe, barão de Alhandra, e a senhora,

Esta era inglesa; o barão fôra por longo tempo representante do Brasil em varias côrtes italianas, antes da unidade, e, afeiçoara-se em extremo áquella existencia suave, sentimental e então meio mysteriosa, de que Stendhal nos deixou descripções magistraes. O «salon» Baronesa de Alhandra em Turim tivera o seu momento de celebridade. O casal envelhecera numa doce união, mais conchegados ainda depois que o filho unico lhe fôra roubado num duello, e rememorava á lareira meio seculo de mexericos diplomaticos, no meio dos quaes avultava tristemente aquelle episodio tragico. Enrugadinhos ambos, estranhos a toda preocupação restrictamente nacional, deslembados, ella da sua Inglaterra, elle do seu Pernambuco, sonhavam no meio dos gelos de São Petersburgo com a terra italiana que lhes fora tão hospitaleira, ainda que nella tivessem soffrido — razão de mais para a não esquecerem.

Ha uma terceira classe de diplomatas, que qualifiquei de amphibios, porque tão bem se amoldam ao estrangeiro, como conservam os caracteristicos patrios. São naturalmente os menos communs: é uma especie privilegiada, que merece ser invejada, já se sabe quando não se perde todo destaque para só se adquirir a tal patina cosmopolita, branda mas desenxabida.

Os diplomatas dessa raça são os que sabem interessar-se pela eleição do Sr. Woodrow Wilson ou pela do Sr. Poincaré, comprehendendo quanto a primeira traduz uma reacção do espirito publico americano contra as demasias de plutocracia, ou quanto a segunda indica uma reviviscencia do espirito altivamente patriotico da França, e igualmente pelas cadidaturas presidenciaes no seu paiz, as quaes não devem permanecer alheias ás cogitações dos seus filhos ausentes, mesmo, ia dizer mormente em serviço da nação.

São diplomatas dessa raça os que sabem lamentar qualquer calamidade occorrida no Tibet ou na Zambezia, e igualmente as desgraças succedidas no seu paiz. Chorar os males alheios é louvavel altruismo; esquecer os dos seus é criminosa indiferença.

A cultura européa é vantajosa quando não apaga o sentimento americano, assim como o sentimento americano é conveniente quando não afasta da cultura européa.

Bolivar, lançando a semente generosa da abolição do direito



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

As cebolas
(Quadro de José Malhõa)

de conquista, do arbitrariamente obrigatório seguindo-se á mediação, e da solidariedade continental, applicou aos idéas do Novo Mundo os principios civilizadores formulados pela jurisprudencia internacional do Velho Mundo. No seu extremado e pittoresco nativismo, não passa, entretanto, Facundo Quiraja de um caudilho boçal e sanguinario.

O cerebro e o coração tambem podem e devem trabalhar de parceria. A creatura humana não é sómente perfeita quando a mente sã brilha num corpo sã. Ella o é sobretudo quando a bondade clareia a intelligencia.

Eu, por mim, considerar-me-hei summamente feliz quando na velhice — se me fór dado lá chegar — relembrando apenas as provas de equidade e de generosidade que houver recebido, disser a mim mesmo que busquei que nada de humano me fosse extranho, e que, tendo-me vibrado occasionalmente a alma ao influxo das correntes estrangeiras, nunca deixou de palpitar meu coração sob a acção das dôres e dos jubilos da patria estremeçada.

Dois livros de versos

Por uma d'estas coincidencias, que o acaso faceto se compraz em produzir, succedeu-me que os dois volumes de *Versos* que o Dr. Alfredo da Cunha acaba de lançar á publicidade me chegaram a casa justamente no momento em que eu estava relendo a obra poetica de Eugenio de Castro.

Havia muitos annos que não tornára a folhear os *Oaristos* e as *Horas* e, embora tivesse seguido, á medida que iam apparecendo no mercado, os varios e pequenos volumes que o livreiro conimbricense Franca Amado annualmente publicava em edições amovaveis de graça e de frescura, espicaçava-me a curiosidade de saber que effeito produziria, no meu espirito actual, uma nova leitura d'aquelles poematos que, ha vinte e tres annos, causaram um mixto de assombro, de indignação e de chalaça nos arayaes da litteratura nacional.

Eu devo confessar, com o coração nas mãos, que da primeira leitura se me fixára a impressão — a mim que conhecia Eugenio de Castro, que fóra seu companheiro de casa, que sabia das suas predilecções litterarias e lhê ouvira recitar os versos sonoros da sua musa antiga e regrada — de que o poeta estava a troçar com o publico n'um dilletantismo d'irreverencia e nunca para afirmar convictamente e apostolicamente preceitos de seita, que se não compadeciam (dizia-me eu) com o velho culto que o Poeta nutria e publicava pelo impecavel Theophile Gauthier.

O caso é que os *Oaristos* constituiram, ao tempo, o evangelho d'uma especie de religião que teve muitos adeptos e, como succede em cada novo credo, nenhum dos apóstolos e dos levitas conseguiu rastrear a fimbria veneranda do Mestre.

Hoje, que reli os *Oaristos*, não lhes encontrei a extravagancia aggressiva, impudica de que os julgava eivados e estou em dizer, com o seu insigne auctor, que se trata d'um livro pacato e sisudo, uma pessoa normal, bem comportada, capaz de inspirar confiança a um indio.

Este livro fez, como é sabido e dito fica, um grande escandalo no meio pautado e severo das letras patrias. Causou uma verdadeira desorientação, attraio para si e para o desencadear de doestos e de parodias, que provocou, todas as attentões. Foi um livro absorvente.

Ora, por essa epocha logo em 1891, um joven bacharel, havia pouco sahido dos bancos universitarios, publicava um livro *Endeixas e Madrigaes* (hoje reeditado n'um dos volumes que tenho presentes e que eram versos de 1884-1886) que vinha

adstricto ás formas tradicionaes do poetar portuguez, na esteira da grande legião que, por aquelles tempos, enobreceu o lyrismo nacional affeiçãoado á elegante lapidação das roupagens parna-seanas.

Endeixas e Madrigaes vinham esculpidos, com carinho, com requintes afinados de gosto, aligeirados aqui e além por uma ironia sóbria que se realçava na admiravel contextura e, por vezes, n'um raro impressionismo critico.

Só mais tarde, muito mais tarde, Trindade Coelho haveria de publicar o seu *In illo tempore*, recordações da vida coimbrã, e n'esse livro se leria aquella quadra de Alfredo da Cunha, quando estudante, feita na aula, onde uma Minerva de pedra segurando na mão uma esphera — um mundo de granito — ficava por cima da cathedra do professor:

Minerva, deusa da escola,
Se o pae dos deuses consente,
Deixa cair essa bola
Sobre a cabeça do lente.

Não é possível exceder-se em levesa e graça a intenção epigrammatica que tornaram celebres, no genero, a musa de Tolentino e a musa bocageana.

E' d'esta concisão no pensamento, d'esta espontaneidade de fórma que a musa d'este poeta é feita e que, como se vê, já vem de longe, dos tempos escolares, de muito mais longe ainda pois lhe deve estar consubstancialmente em particulas herdadas do sangue paterno.

Um livro assim offerecido a publico, a um publico, digamos, estonteado pelo inauditismo de Eugenio de Castro que, á maneira de Juan Ponce de Leon (citado na Correspondencia de Fradique Mendes) «enfatiado das cinsentas planicies de Castella-a-Velha, «não encontrando tambem já encanto nos pomares verde-negros «da Andaluzia — se fizera ao mar para buscar outras terras e «mirar algo nuevo», um livro como as *Endeixas e Madrigaes* não havia de auferir a aura — que aliás merecia — visto que, ao contrario de Horacio, não podia conclamar que vinha recheiado de *carmina non prius audita*.

Depois, Alfredo da Cunha entrou na vida pratica...



Dr. Alfredo da Cunha

Então a *Epiphania dos Licornes*, onde chispas de genio esbraseavam um fundo pardo, tecido de extravagancias e de inconsequencias — um céo de tempestade, desbravava terreno fazendo escola. Como os neophitos não possuíam a scentelha divina do Pontifice e não dispuñham do seu lexicon maravilhoso, exaustivo, taparam as orelhas com as mãos e, de cabeça, mergulharam no pelago fundo da demencia lettrada.

Foi uma cousa cocoguenta d'insensatez e de ridiculo! Mancebos hirsutos, musculosos, da Beira e do Alemtejo, julgaram-se predestinados para a *silva esoterica*, raparam o bigode e, emquanto, da pedreneira cerebral, um fusil provavel não viesse petiscar a faisca da «*Sagesse*», iam no entanto seguindo as sandalias de Verlaine no aspero caminho... do absinto.

Eugenio de Castro recolhera definitivamente a Coimbra e, d'ali, em cada anno e em cada livro ia burilando joias, cada vez mais limpidas, cada dia mais custosas — autenticas gemmas de Rajah — com que substituiu as antigas lantejoulas, os gastos *carbouchons*, os falsos camapheos das suas vestes de popularidade ephemera e escandalosa. Os discipulos iam-se sumindo na propria e consubstancial inanidade, alheios á evolução mental e artistica que se estava operando no *Interlunio*, no *Sagramor*, na *Sombra do Quadrante*, no *Anel de Polycrates*, na *Fonte do Satyro*...

E o poeta das «*Endeixas e Madrigaes*» ?!

Entregue á vida pratica, director d'um grande diario, coproprietario d'uma florescente empresa de publicidade, tendo assento no conselho contencioso d'uma poderosa companhia, o grande publico julgou-o embevecido exclusivamente n'estas utilitarias occupaçoens, posta de parte a lyra e, em absoluto, divorciado das musas da sua cantante mocidade.

O publico, o grande publico, enganava-se, porque... quasi sempre se engana.

de variada procedencia, atravez de campinas mais lisongeiras e, ao que parece, menos salubres, pois que d'ellas voltaram!...

Eu sei muito bem que esta especie de *quietismo* litterario — e chamo-lhe assim por analogia com o nome por que, na epoca da Revoluçao, era chamada a opiniao d'aquelles que preferiam a sua tranquilidade á actividade revolucionaria — é acoidado pejorativamente de rotineiro. Na epoca aguda do Nephelibatismo chamavamos *barbaros*.

Seria fastidioso e extemporaneo esplanar aqui a injustica (aliás nada incommoda) da accusação gratuita.

Nós não somos *quietistas* por inimigos do progresso ou dos melhoramentos que, acaso, as novas formas possam introduzir (e al-

Assumptos religiosos

À communhão na Igreja de Santa Isabel



À sahida do templo — As creanças que commungaram acompanhadas do Rev.^{mo} Bispo da Guarda que presidiu á cerimonia

Alfredo da Cunha continuava a fazer versos e continuava a fazel-os com os mesmos disvelos da estreia, melhorados, naturalmente, com a experiencia e o saber que não comportam os verdores dos annos; mas, o que é mais notavel, com a mesma frescura e a mesma espontaneidade que, na maioria dos casos, a idade não consente.

Os «*Versos*», que formam o 2.^o volume, e pela primeira vez agora publicados, são bem os descendentes da mesma inspiração de ha quasi trinta annos e são bem os representantes hierarchicos d'aquella orientação coherente «*na profissão de um credo litterario cada vez mais firme e na concepção de ideias artisticas cada vez mais nitidamente definidos no espirito do auctor*», para me servir das proprias e justamente orgulhosas palavras do Poeta, ao publicar a Nota da 1.^a edição das «*Endeixas e Madrigaes*».

Como eu comprehendo bem, e se me casa com o meu pensar de sempre, este amor-proprio de ter traçado um caminho e d'elle não nos desviarmos ao sabor das auras, das investigações, das blandicias e do favor do momento!

Como é consolador volver um periodo largo da existencia e encontrarmo-nos no nosso lugar, no mesmo lugar onde ergueramos a nossa tenda, incipientes caminheiros na estrada da Vida e ver que a ella se chegam, de regresso a uma mesma e inicial predeleção, aquelles que andaram borboleteando, impelidos por ventos

guns introduziram) na tradição litteraria; mas... ouçamos estas duas quintilhas dos *Conselhos a um poeta moço*, do 2.^o volume dos *Versos*:

Busca a originalidade
Não busques o inauditismo
Falho d'arte e de verdade,
Que só tenha a novidade
De saber a estrangeirismo.

Que a fôrma, como a ideia,
Seja boa e seja tua,
Sem plagios de Musa alheia,
E não te importe a alcateia
De cães que ladram á lua.

Encerram ellas, estas dez redondilhas, um inteiro compendio de *moral* litteraria e de *processo* artistico que tem o quer que seja, na simplicidade do dizer, do sabor inconfundivel da eterna Verdade.

Eis porque, ao encetar estas desataviadas considerações bibliographicas a proposito de dois volumes de versos de *poetica classica*, eu notava a coincidência faceta de me serem offerecidos na propria occasião em que relia os poemas que seguiam *inéditos itine-*

rarios por atlanticos virgens... — terraço ladrilhado de cipolina e agatha, por onde o SYMBOLO passeia, archiepiscopal, arrastando flammante simarra bordada de Suggestões, que se alastra, oleosa e polychroma, nas lisonjas...

Que contraste!

Pois, senhores, como a gente se illude! Noto, agora, com delicia, que o contraste é tão grande entre os Versos de Alfredo da Cunha e os Oaristos, como entre estes e os magistraes sonetos da Fonte do Satyro.

Quem mudou, louvado Deus, foi Eugenio de Castro.

HEMETERIO ARANTES.



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXIX

PROMESSAS E REALIDADE

No conchego da sua casa aldeã, perdida lá no meio d'uma serra minhota, o sr. José Felix ouvira uma manhã com alvoroço a estrondosa nova de que as coisas no paiz tinham mudado desde os alicerces fundamentaes até á cupula mais vistosa do edificio social.

Fôra a sr.^ª Engracia que trouxera a novidade da villa proxima com as trouxas da roupa suja do Commendador Ricardino para onde lavava havia dez annos com a veneração e chloreto inherentes á elevada cathegoria do freguez.

Tinha sido da boca da esposa do Commendador que soubera a retumbante nova, quando a respeitavel senhora tomada de commoção ia apontando no rol a relação dos lençõs confiados ao chloreto e á descripção da sr.^ª Engracia.

— Pois é como lhe conto, sr.^ª Engracia. Lá, para a capital houve o diacho e agora quem manda é a Republica...

A sr.^ª Engracia, sem attingir a profundeza do acontecimento, limitou-se a constatar com uma certa satisfação intima, que o novo estado de coisas se manifestava agradavelmente para ella, no augmento da trouxa confiada aos seus desvelos de lavadeira.

E foi com um certo jubilo que quando regressou á aldeia parou a burrinha á porta do sr. José Felix, communicando-lhe o que ouvira á senhora do Commendador.

— Que me diz, sr.^ª Engracia!

E o sr. José Felix ficou scismando toda a tarde no imprevisito acontecimento. Pelo seu cerebro bastante empenado á gymnastica do raciocinio, pela tranquillidade existencia do seu ninho aldeão, começou passando, n'um turbilhão confuso, a mudança que agitara as escoras seculares do seu paiz. Pouco a pouco começou recordando o que ouvira em tempos n'um comicio no Porto, onde os apóstolos da Causa preconisavam por entre solemnes esmurradellas no peito a felicidade, a ordem e a abastança, no dia que triumphasse a Causa — essa Causa que a sr.^ª Engracia lhe annunciara victoriosa com o attestado das trouxas do Commendador Ricardino.

O sr. José Felix sentiu qualquer coisa de commovedor abalar-lhe o espirito, antevendo os jorros de ventura que iam inundar o paiz — como tinham garantido aquelles tres senhores de pera, muito sympathicos, que ouvira no comicio do Porto.

E aguardou. Esperou que a canalisação geral da felicidade, da ordem e da abastança, estendesse um dos seus ramaes até á serra aldeã do seu ninho.

Mas farto de esperar quasi tres annos, e ancioso por banhar-se na nascente da democracia, com a curiosidade aos pinotes pelas maravilhas apregoadas com appetoso sabor pelas trombetas da imprensa governamental, o sr. José Felix resolveu partir para a capital a fim de vêr e apalpar — como elle dizia — todas as luminarias triumphantes que resplandeciam no coração do paiz. E com o producto d'umas economias carinhosamente arrecadadas, o seu melhor fato domingueiro envergado e um confortavel farnel para a viagem, o sr. José Felix partiu, previamente munido d'um bilhete de recommendação, para o Directorio do largo de S. Carlos.

Como bom democrata, a sua primeira visita foi para o Mundo. Depois de duas horas de espera o eminente cidadão Borges dignou-se receber o correligionario vindo lá dos confins do norte, em busca das maravilhas do parto da Rotunda.

O sr. José Felix expôz então «que vinha para vêr, para admirar o progresso republicano, que não havia forma de poder enxergar nas serranias da sua aldêa»

O sr. Borges que desde 5 d'outubro encolheu aquella afabilidade fraternal que nos tempos ominosos espalhava cordealmente pelos seus correligionarios, olhou o visitante com soberano desprezo. «Que tivesse paciencia, mas n'este momento não havia nenhuma vaga. No entanto, apontava o nome e promettia interessar-se» — concluiu:

— Mas, diga-me, você a que *choça* pertence?

O José Felix ficou estarelecido.

— Ha engano, cidadão, ha engano por certo. Eu não pretendo...

— Não pretende?! Então que quer?

— Vêr, observar, nada mais. Lá ainda não chegou e por isso vim... Gostava de conhecer os salvadores, os nossos amigos... Admirar os progressos...

O sr. Borges escreveu um bilhete e o José Felix foi ao Terreiro do Paço.

A porta do ministerio do fomento um grupo d'operarios pedia trabalho. Ficou a scismar n'aquelle alarido. Restos da monarchia — pensou; e dirigiu-se a visitar o chefe do governo. S. Ex.^ª não podia receber.

Aguardou. E teve a dita, com os primeiros lampeões acesos, de enxergar a péra escura do consagrado apóstolo que elle ouvira no comicio do Porto, annunciando a felicidade a jorros, para quando a Causa triumphasse e os grilhões da oppressão tyranica se partissem.

O José Felix avançou, explicando:

— Venho vêr o progresso, as maravilhas, porque lá ainda não chegaram. Correligionario e admirador ha muitos annos...

— Faça um memorial e junto os documentos que tiver. Agora é-me impossivel attendel-o e o José Felix ficou-se de cara á banda, enquanto S. Ex.^ª passou por entre as alas desbarretadas dos seus subditos.

Dirigiu-se então ao Calhariz. A intriga fervia nas salas luxuosas do velho palacete dos Azambujas. Escutou e ficou arrepiado.

Uma ultima esperanza lhe restava n'aquelle busca. E foi ao Centro Evolucionista.

O sr. Antonio José d'Almeida tinha ido para o parlamento. Como um gamo correu a S. Bento e preso de comoção subiu á galeria central. Arrebitou as orelhas, esbugalhou os olhos e ficou-se attento. Meia hora bastou-lhe. Estava inteirado. «O orçamento era uma burla» — gritava um; «basta de protecções escandalosas» — berrava outro; «este quiz assassinar aquelle» — garantia um terceiro; «o povo pode e deve pagar mais» — propunha ainda um quarto; «o ministro dos estrangeiros é o Chico das Pegas» — affirmava mais um.

Desceu rapido ao largo. Respirou. Lembrou-se então do seu canto aldeão onde os echos do progresso luminoso... felizmente ainda não tinham chegado; e no primeiro electrico que passou fugiu para o comboio.

Que diriam a tudo aquillo os jornaes da opposição!

Chamou um garoto e pediu-os. Não havia. Estavam impedidos de circular por ordem do governo.

Encostou-se no fundo da carruagem e sonhou. Sonhou com aquelles tres senhores de péra, muito sympathicos, que no comicio do Porto ouvira, preconisando por entre solemnes esmurradellas no peito, a felicidade, a ordem e a abastança, e quando acordou... sentiu a boca amargar-lhe.

O ar puro da serra reanimou-o. Viu ao longe a aldeia, muito só, muito isoladinha, muito longe d'aquelle pocilga immensa d'ambições e desenganos, onde tinha ido em busca do progresso luminoso.

E o José Felix montando no burrico que o esperava fiel e submisso, gritou vendo as papoulas rubras balouçar por entre as espigas d'ouro:

— Felizmente ainda aqui não chegou!

Mas a sr.^ª Engracia que o destino parecia ter talhado para portadora de todas as novas do progresso, correu ao seu encontro com um papel na mão.

— Vieram cá á sua *prescura*, sr. José Felix, e deixaram isto.

Era o aviso das contribuições... triplicadas!

... E foi assim que n'aquelle aldêa minhota chegou a primeira manifestação progressiva de fraternidade salvadora!



Concerto Angela Penchi

Esta distincta artista lyrica e eximia professora de canto, realizou, no salão da sua residencia, ao Alto de Santa Catharina, no dia 12 de maio, o seu concerto annual para apresentação dos seus alumnos.

Outras eximias amadoras, como D. Adelaide Victoria Pereira, D. Hortense Fontana e M.^{me} Silva, embora discipulas de outras professoras, quizeram prestar o concurso do seu bello talento musical ao concerto de M.^{me} Penchi e fizeram-n'o com subido agrado da assistencia, que efusivamente, sublinhou todos os trechos que executaram.

Ainda a *matinée* foi abrilhantada pelo professor sr. João Passos, que no violoncello, acompanhado ao piano pelo maestro Lhorient, executou excellentemente o *Capricho hungaro*, de Dunkler, *Scherzo*, de Gœns e *Le Cigne*, de Saint-Saens, sendo applaudidissimo.

A sólo ainda M.^{me} Penchi se fez ouvir n'um trecho da *Cavallaria Rusticana*, imprimindo-lhe, com a sua soberba voz de soprano dramatico, toda a emotiva intensidade, que o trecho requer, sendo co-

Um concerto em casa de Madame Penchi



M.^{lle} Hortense Fontana
Discipula de madame Mantelli

Foram estes: D. Carmen Velhinho Correia, D. Hermengarda Pereira, M.^{lles} Fortunata Levy e Alice Fonseca e os Srs. Guilherme Bizarro e Pedro Gambôa. Ten-



M.^{lle} Fortunata Levy
Discipula de madame Penchi

roado o seu bello trabalho por uma verdadeira ovação.

A *matinée*, que deitou a bastante tarde, terminou por um delicado e profuso



Madame Angela Penchi

do todos revelado boas disposições musicas e optima orientação, manda a justiça destacar D. Hermengarda Pereira, que alem de verdadeiro temperamento artistico, possui uma bella voz de *mezzo-soprano*, posta em

afternoon-tea, sahindo os assistentes de veras penhorados pelas amabilidades de que foram alvo por parte de M.^{me} Penchi e de seu marido Sr. Joaquim Levy.

Por não termos podido alcançar as photographias das Srs.^{as} D. Hermengarda e D. Adelaide Victoria Pereira e de outras executantes, não as insere em separado, n'este numero, o *Brasil-Portugal*, embora façam todas parte do grupo photographico, cuja *maquette* representa o salão de M.^{me} Penchi e parte do escolhido auditorio, que assistiu a este delicioso recital artistico.

FERREIRA MENDES.



Guilherme Bizarro
Discipulo de M.^{me} Penchi

evidencia, não só no trecho que cantou a sólo, como no famoso duetto do 2.^o acto da *Gioconda*, lançando com entusiastico élan a phrase: — *L'amo come il fulgor creato!*... e em que a parte de soprano dramatico foi cantada por M.^{me} Penchi com o brilho e segurança propios de artista consumada, que é; e os Srs. Pedro Gambôa, tenor abarytonado, que embora precize da voz muito trabalhada, na dicção revela bastante intuição artistica, e Guilherme Bizarro, uma delicada voz de tenor ligeiro, dando já o claro escuro requeridos aos trechos, que cantou, das operas *Manon*, *Elixir d'Amor* e *Tosca*.



Pedro Gambôa
Discipulo de M.^{me} Penchi

Não se sabe onde acaba a mulher e onde começa o diabo.
HEINE.

Caveira mal vestida

Jamás calmé, por alliviar las mias,
las desdichas ajenas:
siempre faltaron á mis ojos días
para llorar mis penas.

R. DE CAMPOAMOR.

Jeronymo era uma criança de quinze anos quando seu pai, chamando-o ao escriptorio, onde costumava encerrar-se durante horas inteiras, lhe disse: «Meu filho, a minha fortuna está perdida.

Jeronymo curvou-se a beijar a mão de seu pai e saiu radiante do escriptorio. A ideia da viagem e permanencia no estrangeiro suavizava-lhe a tristeza do sacrificio que exigiam d'elle ao qual não media bem o alcance.

Isto passava-se ahí por 1828 na cidade do Rio de Janeiro, onde residiam os paes de Jeronymo Miranda.

Realizou-se com grande solemnidade o casamento. E no dia immediato o noivo partiu para a longa viagem de instrucção acompanhado do illustre Dr. Campos, bacharel formado em theologia e seu mestre e aio desde a mais tenra meninice.

Passou um ano além dos cinco que seu pai lhe marcára para a volta e Jeronymo não regressava ao Rio de Janeiro. Entrelinha-se

Um concerto em casa de Madame Penchi



Aspecto da sala do concerto

A assistencia — Entre outras pessoas: Guilherme Bizarro, M.^{lle} Hortense Fontana, M.^{me} Penchi, Ferreira Mendes, Pedro Gambôa, M.^{lle} Fortunata Levy; menina Elsa Penchi Levy, etc., etc.

E' necessario que por um sacrificio assegures a felicidade de tua mãe e irmãs.»

Jeronymo olhou-o interrogativamente sem pronunciar uma palavra.

O pae continuou:

— E' necessario, repito, que cases com Julia.

Esquecido de que elle proprio era uma criança, Jeronymo exclamou:

— Mas ella é tão pequena!

Nesse tempo não se olhava á idade nem á vontade dos conjuges. O autoritarismo paterno é que dictava a lei sem se importar de considerar a lei letra morta quando ella ia de encontro aos seus desejos ou conveniencias.

— Que importa? respondeu o pai. A idade é o menos. O pior, ajuntou com um suspiro, é a sua fealdade que se tornará hediondez com a adolescencia. Mas é riquissima. A sua fortuna pode salvar a nossa e tu podes, sendo um marido amigo e respeitador das conveniencias... Emfim o tempo e a razão te dirão aquilo que, como pai, não posso nem devo dizer-te: A'manhã ás três horas da tarde celebrar-se-ha o casamento, em seguida ao qual irás viajar. Tua mulher fica conosco. A tua viagem durará cinco anos. Quero que voltes solidamente instruido e escolhas depois, de todas as terras que percorreres, a que achares mais bela para fixares residencia com tua mulher. Tenho dito. Podes retirar-te.

por Londres, por Paris, mas sobretudo por Lisboa onde tinha parentes e se comprazia fallando a lingua patria.

A mulher enviára-lhe o seu retrato e, apezar de muito favorecido, a miniatura, pintada em marfim por um celebre artista, fizera-o estremecer de horror.

Tinha razão: ella era uma criatura corcunda, vésga, e profundamente antipatica. Ele um lindo rapaz, muito elegante, com olhos soberbos e um sorriso verdadeiramente encantador.

Na carta que a mulher lhe escreveu acompanhando o retrato viu elle uma profunda tristeza de ser tão monstruosa, tão pouco digna d'elle.

Os pais de Jeronymo, vendo a inferioridade fisica da nóra, esmeraram-se em lhe desenvolver o espirito e dar-lhe uma sólida instrucção. Foi talvez pior. Julia insurgia-se contra a sua triste figura e sentia um crescente azedume contra tudo e contra todos. Crescendo na admiração do marido ausente, adorava-o com todas as forças da sua alma, terna e profundamente triste. A educação superior que lhe deram isolou-a dos outros moralmente. Percebeu a causa do seu casamento e, em vez de se insurgir, achou-a justa. Apenas sentia um dó profundo de si propria, uma indignação fortissima contra a Providencia que permitia a vida de tão horrenda criatura quando morriam a todo o instante virgens formosas e lindas.

Escrevia ao marido cartas longas e apaixonadas, e elle habi-

tuou-se a respeitar-lhe a intelligencia superior e a compadecer-se da sua inferioridade fisica. Mas ao passo que isso succedia apaixonara-se por uma mulher da sociedade, formosa e leviana, que lhe gastava sem escrupulo a fortuna da mulher. O pae presentindo loucuras, recuzou enviar-lhe mais dinheiro e exigiu que ele regressasse ao Rio. Foi forçoso obedecer.

A familia veiu espera-lo a bordo com grande alegria, mas Julia não veiu. Admirado, indagou a causa da ausencia e a mãe segredou-lhe que era o receio de lhe inspirar repulsão. Jeronymo era um bom. Lembrou-se de quanto devia á fortuna da mulher e resolveu mostrar-se terno e amante. Entrando em casa estreitou a esposa nos braços com ternura e mostrou-se afavel e alegre. Ella beijou-lhe as mãos reconhecida e os pais trocaram entre si um olhar de satisfação: tinham receiado tudo d'este momento.

N'essa noite Jeronymo confessara ao ouvido da mulher que o fisico d'uma criatura nunca lhe merecera atenção: o espirito, a intelligencia, o coração, isso é que fóra sempre tudo aos seus olhos.

Logo de manhã, acompanhada da sogra, Julia subia de rastos a egreja matriz em acção de graças por ter encontrado um marido extremo e bom.

Nasceram-lhes tres filhos e começaram frequentando as festas da córte terminando por virem fixar residencia em Lisboa. A' ideia dos seus antigos amores, á possibilidade de os renovar, voaram todos os sentimentos compassivos da alma de Jeronymo, e Julia pôde perceber o fundo da sua miseria.

Odeiou o marido, e os filhos porque eram d'elle, odeiou-se a si por tudo, até por o ter acreditado.

Nunca a indiferença adormeceu o odio no seu coração porque nunca o amor se extinguiu n'elle. Separaram-se. Ele tinha por ela um profundo respeito e, quando pensava na sua vida, suspirava, murmurando: era de prever.

Ella odiava-o, cobria-o de injurias, vexava-o, se podia, e encerrando-se na parte da casa, que se reservára desde a separação, chorava longas horas.

Quando já muito velha, solitaria e triste, o seu desespero não diminuia, antes se exacerbava. Alguem lhe lembrou que a caridade era um grande lenitivo para as almas feridas pelo infortunio. Ella, muito azêda, orgulhosa e egoista, respondeu-lhe com uns versos semelhantes á quadra que nos serve de epigrafe:

Eu tenho chorado tanto
Pelas proprias amarguras
Que não dou gôta de pranto
Por alheias desventuras.

N'uma tarde de outomno, em que a pouca distancia da sua magnifica habitação o mar se encapelava uivando, arremessando-se com viva furia de encontro ás rochas, sentiu Julia que a vida lhe ia faltar. Fez chamar o marido e confessou-lhe que o odio imenso, que no ultimo tempo lhe votára, era filho d'um grande amor, amor violento e puro que morria com ela, se a alma podesse morrer...

Deu o ultimo suspiro nos braços de Jeronymo, abençoando os filhos e ele, com a consciencia pesada de remorsos, bradava com horror de si proprio:

— Porque não fui eu superior ao mal vestido da caveira!
E o seu bom coração não achava resposta satisfatoria.

Os filhos, não querendo turbar a sua dôr, pensavam que o pai tinha desculpa: ele era humano.

MARIA O'NEILL.

Creação de pavões

Não convém fazer chocar os ovos de pavão por gallinhas. Os pavões nascem perfeitamente; mas como a sua natureza e necessidades não são as mesmas dos pintainhos, morrem quasi sempre á fome. Deve deixar-se ás pavões o cuidado de chocar os seus ovos e ao *ar livre*, porque ellas difficilmente vão para o choco dentro de uma capoeira. O essencial é vigiar bem o momento em que os pavões sahem da casca e, logo no dia seguinte, levar a mãe e os filhos para uma capoeira bem secca e arejada.

Esta precaução é absolutamente necessaria, porque as pavões teem o costume de passeiar a ninhada desde o romper do dia pe-

los campos, que estão cobertos de orvalho a essa hora matinal. Os pavões recém-nascidos, vestidos de uma pennugem muito rara, ficam molhados até á pelle, trespassados d'uma humidade que lhes é fatal. No segundo dia começam a morrer, successivamente, e em dez salvam-se apenas dois.

Devem tambem pôr-se na capoeira poleiros a pouca altura do chão, porque as pavões abandonam os filhos e vão empoleirar-se, segundo o seu costume, em cima das arvores, para dormir. Os pavõesinhos, quando seguem a mãe, dão assim frequentes quedas, de que lhes resulta muitas vezes a morte.

Quanto ao alimento, basta dar-lhes sementes, salada cortada muito miuda, arroz fervido, e pão molhado em agua salgada, de que são muito gulosos. Quando estiverem já bastante fortes, podem pôr-se em liberdade. Espera-se geralmente a epoca da primeira muda de pennas para os deixar andar sósinhos.

Em summa, é preciso emendar com cuidados intelligentes os instinctos pouco certos, os desleixos, e a grande estupidez das pavões.

Fazei o bem: sobre a terra
E' a grandeza suprema;
Tem mais luz do que um poema
Vale mais do que um trofeu!
Por uma dádiva ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito,
De que elle goza no céu.

TOBIAS BARRETO.

Impertinencia castigada a tempo

Um litterato inglez que por infelicidade sua era corcunda, discutia um dia com um *lord* um ponto de litteratura e, irritado por este o contradizer, quando era certo que nunca dera provas de possuir quaesquer conhecimentos da especialidade, disse-lhe a certa altura com ar de troça:

— Está a discutir e afinal talvez nem mesmo saiba o que é um ponto de interrogação!...

— Perdão, respondeu o *lord* muito encolerizado, sei muito bem o que é um ponto de interrogação: é uma pequena figura, corcunda e torcida que ás vezes faz perguntas grosseiras e impertinentes.

Quem nada teme é mais forte que quem de todos é temido.

SCHILLER.

Animatographos

Olympia. — N'este distincto cinema, ponto de reunião da nossa sociedade elegante, estreou-se ultimamente uma fita que tem obtido largo successo, intitulada *Morte que passa*, bem como o celebre *film O homem da capa*.

Trindade. — Sessões variadas todas as noites. Magnifico concerto pelo sexteto. Todas as novidades cinematographicas de maior sensação no estrangeiro são exhibidas n'esta casa de espectaculos, merecendo especial destaque as fitas de 1000 metros *Segredo do canhão e vida ou morte*.

Salão Central. — As mais emocionantes fitas são as que a empreza d'este salão proporciona actualmente ao publico de Lisboa, e n'este genero se filiam *A calumnia*, estudo social, e *Os dois maquinistas*, magnifica fita sobre a vida dos ferro-viarios. Ha tambem concerto, sendo o programma escolhido.

Para breve temos as fitas: *Um dia em Genova*, *Vingança de al-fayate* e *Casamentos imprevistos*, esta ultima do repertorio de Max Linder.

Chiado Terrasse. — Continuum com farta concorrência e extremamente animadas as sessões da moda n'este cinema, não se poupando a empreza a esforços para proporcionar ao publico espectaculos de novidade. Actualmente constitue o grande successo d'este salão a fita de grande esplendor, *O presente do Rajah*, uma maravilha.

Salão Foz. — Sempre espectaculos variados. Além de um numero escolhido de fitas, ha um bello acto de variedades em que tomam parte a bailarina Encarnação Lobato, a troupe Russa e muitas outras novidades.

Alhambra (Feira de Santos). — Todas as noites espectaculos variados de fitas animatographicas.



O tenente Casal Ribeiro no cavallo
«Ganthois»
1.º premio na prova «Omnium»

Concurso hippico de 1913



Tenente do exercito francez 'Du Costa'
3.º premio na prova «Omnium»



Capitão Martins de Lima
2.º premio na «Prova de ensaio»

Horticultura e Floricultura

O jardim no verão

COMO está a aproximar-se o verão, vamos indicar o que n'esta quadra do anno tem a fazer o jardineiro amator.

Nos primeiros tempos da estação ligam-se as trepadeiras ás grades, para as deixar estender e florescer á vontade, e as dhalias e tutores, deixando-as n'um pé só para o que se lhes cortam os rebentões. Plantam-se de estaca fuchsias e gerânios e transplantam-se *sécias* e outras plantas de flores outomnaes sementeas em alfobres. Colhem-se as cerejas e ginjas, vigia-se o desenvolvimento das produções fructíferas e herbaceas das arvores de fructo, arrancando levemente com a unha os olhos inuteis, e desbastam-se alguns fructos das arvores que apparecerem demasiadamente carregadas.

Levantam-se da terra, logo que as folhas comecem a amarellecer, as tulipas e os jacinthos. Cuida-se da floração dos craveiros e dos lyrios preservando-os das lesmas e dos insectos damnhinhos. Póde continuar-se a fazer enxertos, mas n'esta epocha a seiva não tarda a passar e por isso é conveniente fazelos logo no começo d'esta quadra, com excepção dos enxertos de escudo e de olho dormente que, sem inconveniente,



Os vencedores da «Prova Nacional»
Capitão Silveira Ramos e Jara de Carvalho

podem fazer-se até ao fim do verão.

Todas estas operações, menos os enxertos, continuam pelo meado do estio dentro, fazendo-se tambem, depois da floração, a mergulhia dos craveiros e a plantação de estaca de algumas plantas gordas. Aparam-se os crysanthemos.

No fim da estação colhem-se as sementes das plantas annuaes e bi-annuaes e semeiam-se no logar definitivo as plantas destinadas a florescer na primavera que podem affrontar os frios do outomno e do inverno.

Colhem-se os fructos proprios da estação e semeiam-se os caroços das cerejas, damascos, ameixas e pecegos. Enxertam-se os botões de fructo, aproveitando a ascensão da segunda seiva, que ordinariamente se realiza no mez de agosto.

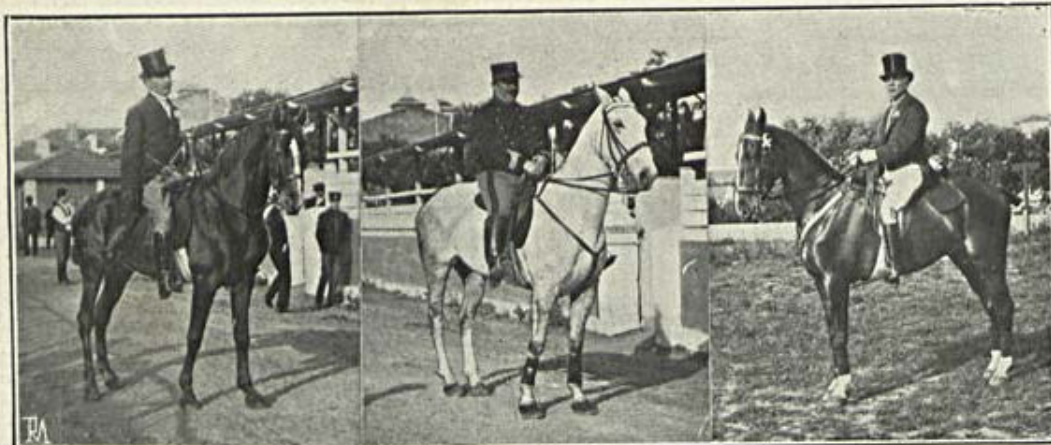
Continua-se a mergulhar os craveiros á medida que vão terminando a floração e cortam-se as mergulhias já enraizadas. Tosquia-se a relva e procede-se ás régas e sachas necessárias.

No decorrer das indicações dos trabalhos a que tem de proceder o jardineiro

amador que acima ficam escriptas, referimo-nos a mergulhias e estacas. São os dois modos de reprodução indefinida das plantas.

A mergulhia pode fazer-se ou directamente na terra ou no ramo, quando este não póde dobrar o necessario para ficar enterrado e n'este caso chama-se alporque.

Plantas ha



Os vencedores da prova de «Alta Escola»
D. João de Mello, montado no cavallo «Horacio», capitão Caetano Vieira, montado no «Samsão»
e D. José da Cunha e Menezes, montado no cavallo «Toni»

(Phot. de ***)



Concurso hippico de 1913 — A sr.ª D. Maria da Piedade Godinho, distinta amazona que obteve o 1.º e 3.º premio na «Prova de amazonas».

que se reproduzem indefinidamente por mergulhia natural como, por exemplo, a hera, o morangueiro, etc. Para outras, porém, é preciso mergulhal-as artificialmente. A operação consiste em dobrar um ramo longo e flexível e enterrá-lo pelo seio depois de despojado n'esse ponto das folhas e rebentos.

Ao fim de certo tempo a parte mergulhada cria raízes e então corta-se o ramo do lado da mãe e o mais proximo possível da terra. Para assegurar o exito da mergulhia dá-se um pequeno corte longitudinal na parte do ramo que se vae enterrar e introduz-se na fenda uma pequena cunha, um grão de areia, por exemplo. Os mergulhões cortam-se quando se acham já enraizados e, por

consequencia, em estado de viverem por si mesmos; cortam-se, como acima dissemos, o mais proximo possível da terra.

Durante a mergulhia deve-se conservar a terra, no sitio em que o ramo está enterrado, sempre humida e a extremidade livre dos mergulhões deve ser amparada por um tutor. A multiplicação por estaca consiste na creação de raízes d'um bocado do caule da planta mãe que se enterrou e se collocou em circunstancias favoraveis ao fim que se tem em vista. Ninguem ignora que é este o processo habitualmente usado para a multiplicação das roseiras, dos jasmims, etc. Muitas vezes multiplica-se uma planta por es-



Concurso hippico de 1913 — Cavalleiros premiados na prova de discipulos.

taca, enterrando um fragmento de raiz e, n'este caso, tem-se em vista o desenvolvimento de gommos.

O bocado de caule que se enterra tem, em geral, um ou mais gommos, mas em determinados casos não é isso preciso.

Para a estaca dar resultado é necessario resguardal-a da luz e do frio; precisa mesmo d'uma temperatura superior á da atmosfera. Por isso se cobrem com esteiras, campanulas de vidro, etc.

A vide, o choupo, o lilaç, o jasmim, a roseira, o marmeleiro, etc., etc., reproduzem-se magnificamente por estaca, mas plantas ha que de maneira alguma se adaptam a este processo de multiplicação.

A Feira de Santos



Aspecto geral da feira

(Phot. de A. C. Lima)

Trabalhos manuaes educativos

Como teem progredido no Collegio Militar

OUANTAS são as pessoas que n'este paiz já pensaram alguma vez na extraordinaria importancia que teem os trabalhos manuaes educativos?

Para a maioria dos indifferentes aos assumptos de educação, o trabalho manual constitue uma chinesice, uma ridicula preocupação que origina talvez perda de tempo inutil. Mas a culpa deve ser d'aquela monstruosa barreira dos Cantabricos que constitue um insuperavel obstaculo á expansão dos principios já velhos, formulados pelos grandes educadores, genios imortaes da pedagogia e que tanto teem contribuido lá por fóra para encaminharem as almas novas no sentido de uma vida regenerada.

tureza não se propõem a preparar artifices, mas a compensar a fadiga intellectual, inculcando ao mesmo tempo excelentes habitos de precisão, de iniciativa, de ordem e de liberdade.

E assim, algumas tentativas que se façam entre nós, para que não produsam o insucesso analogo ao do Lyceu Camões, — onde por ordem superior foi muito bem determinado que fosse suspensa a sua execução, — devem ser orientadas segundo as prescripções do slödj, da escola normal de Nääs, que teem em vista desenvolver a habilidade natural, que se distingue do officio propriamente dito pela natureza dos pequenos objecto que executa, pela maneira que os executa e muitas vezes até pela ferramenta que emprega.

Os trabalhos manuaes educativos — que teem sido intellegendamente comprehendidos e executados na Casa Pia de Lisboa, na

Trabalhos manuaes educativos no Collegio Militar



Conjunto de alguns trabalhos executados pelos alumnos no ultimo anno lectivo

Trabalhos manuaes! Quem pôde tolerar a implantação do trabalho educativo n'um paiz onde o trabalho profissional é considerado como o maior inimigo da sociedade?

Mas se entre nós, onde toda a obra educativa está por edificar, são poucas as pessoas que ligam importancia a este assumpto, n'outros paizes tem-se manifestado a preocupação pedagogica de que no homem não é unicamente o cerebro que tem de se exercitar, devendo elle saber usar tão facilmente das mãos como do raciocinio, e por isso se preconizam os trabalhos manuaes, optimos para toda a gente, porque desenvolvem a habilidade physica e o esforço pelos conhecimentos praticos.

Os seus numerosos propagandistas entendem, porem, que todos esses trabalhos devem obedecer a um fim educativo compensador da fadiga intellectual proveniente dos estudos secundarios e que não se deve visar a fazer cavadores nos trabalhos de jardim nem em aperfeiçoar carpinteiros ou serralheiros.

Para esta delicada obra educativa torna-se necessario possuir mestres verdadeiramente compenetrados da sua missão, que saibam extremar os campos da officina e das theorias de Otto Saloman já tão largamente executadas; isto é, que os trabalhos d'esta na-

Casa de Correção de Caxias, na Escola-Oficina n.º 1 e ensaiados com algum exito em limitado numero de Escolas primarias, como por exemplo na Escola Nacional, o magnifico collegio particular do Largo da Anunciada — foram integraos no curso do Collegio Militar no anno lectivo de 1909-1910, por influencia do Salomon portuguez, o sr. Coronel Carlos Marques Leitão, a grande alma de artista, das mais completas organizações de educador que se tem conhecido em Portugal nos nossos dias.

O método, que este distintissimo professor implantou com tão fecundo exito, foi o do slödj sueco, modificado em harmonia com as condições especiaes do meio e do nosso clima e temperamento.

Ao sr. Marques Leitão, seguiu-se um outro professor illustre, que muito intellegendamente se assenhoreou do maquinismo delicado d'aquella officina educativa, o sr. Coronel João de Sousa Tavares, bastante conhecido e venerado por gerações numerosas que teem recebido as suas proveitosas lições, nos estabelecimentos secundarios onde tão proficientemente tem atestado o seu consideravel valor.

Actualmente o ensino dos trabalhos manuaes é obrigatorio para as cinco primeiras classes, comparecendo tambem alguns alumnos

da 6.^a e 7.^a classes, com autorização especial, a tomar parte nas lições, por sua livre vontade.

Na escolha dos exercicios graduados, tem-se em vista familia-

A fórma como se interpreta a importante obra educativa dos trabalhos manuaes no Collegio Militar, torna este estabelecimento digno de ser considerado como uma escola normal, onde deviam

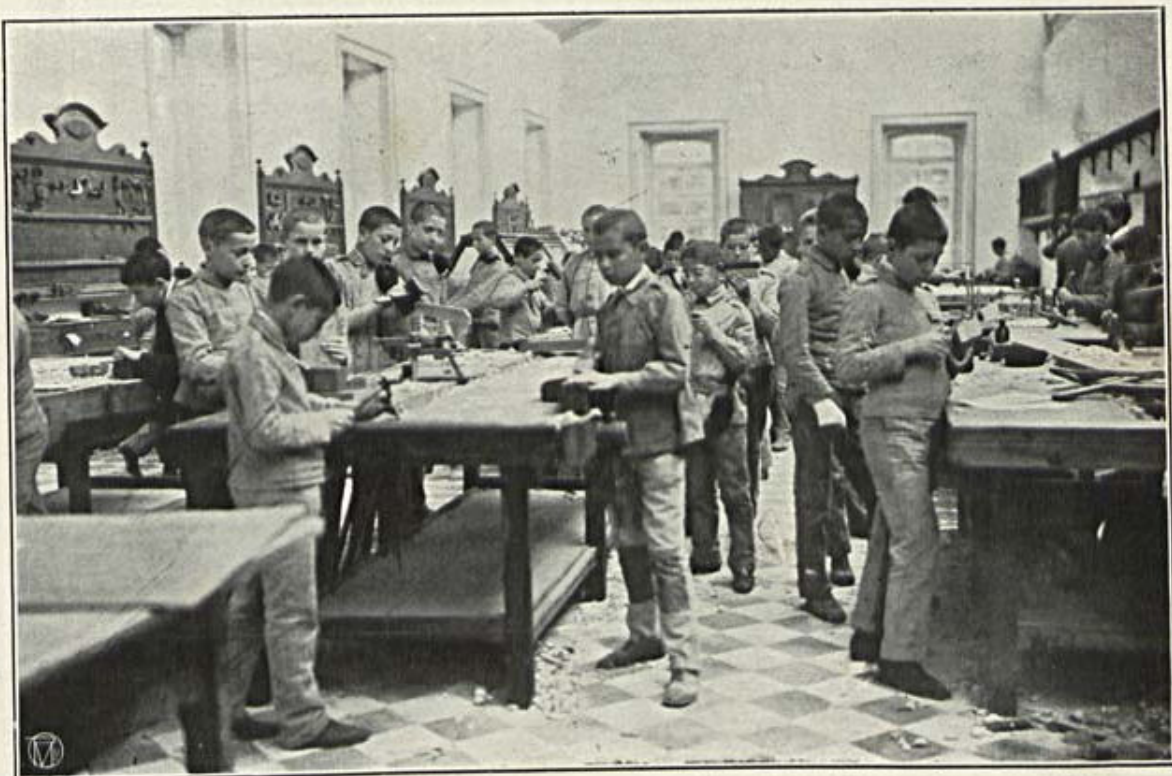


Trabalhos manuaes educativos no Collegio Militar — *Execução de trabalhos em cartão*

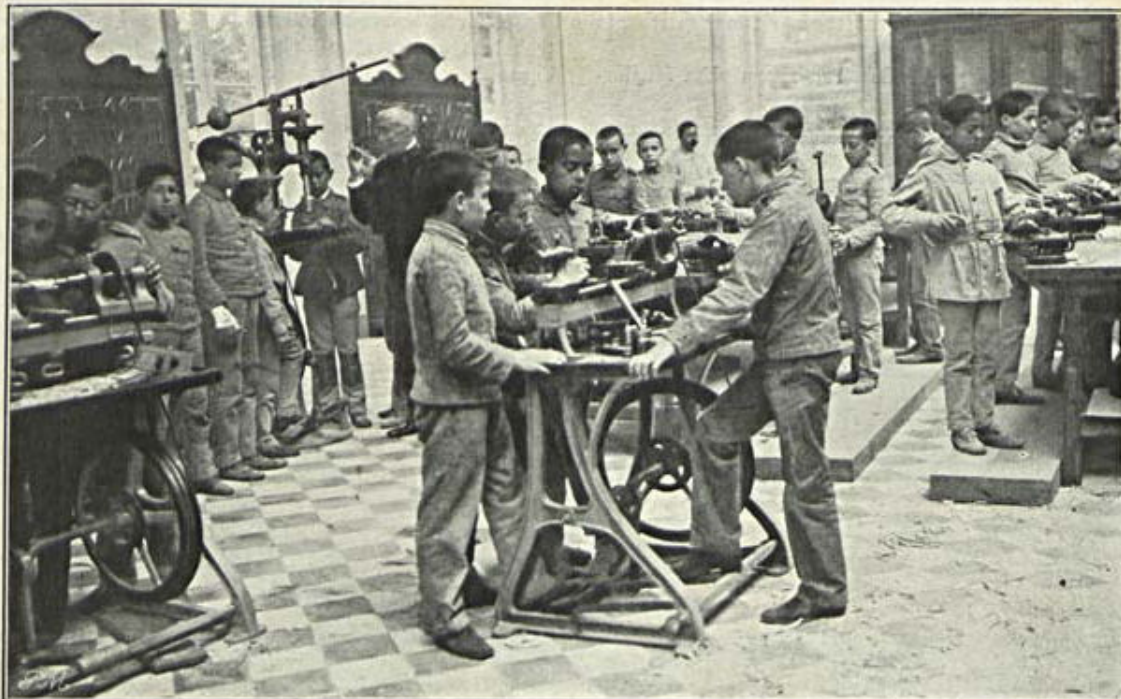
risar, quanto possível, os alunos com o estudo das sciencias de aplicação: mathematica, fisica e desenho. Algumas demonstrações geometricas, que exigem um certo esforço intelectual, são feitas com aplicação a trabalhos em madeira e ferro, compreendidos de maneira tal que nunca mais esquecem.

ser enviados, durante alguns periodos, professores de outras escolas, para assim se vulgarisar tão importante meio pedagogico.

E de resto, em todos os ramos da instrução secundaria se deveria estudar de perto quanto se pratica no Collegio da Luz, que, quaesquer que sejam os defeitos que possam apontar-lhe, é ainda as-



Trabalhos manuaes educativos no Collegio Militar — *Execução de trabalhos em madeira*



Trabalhos manuaes educativos no Collegio Militar — *O sr. coronel Sousa Tavares dirigindo os trabalhos a executar em ferro*

sim digno de ser encarado como uma instituição de ensino normal. E talvez dos poucos estabelecimentos onde se compreendeu e executou o funcionamento do regimen da classe, que é toda a chave das novas reformas de instrução secundaria. E por isso grande devia ser a corrente, não digo de uma propaganda pela obra instrutiva e educativa do Collegio Militar, mas no sentido de chamar ali mestres de outras escolas que vissem e se adaptassem á orientação seguida em todos os ramos do ensino.

Muito sensatamente, portanto, pensam os que procuram aventar a ideia de dar ao Collegio da Luz o maior desenvolvimento

falham n'este paiz, onde a instrução publica tem andado tão divorciada da educação.

CAPITÃO CORREIA DOS SANTOS.

PENSAMENTO

Os homens politicos podem ás vezes gosar da impunidade, porque morrem; já assim não acontece com as nações porque



Trabalhos manuaes educativos no Collegio Militar — *Grupo de alumnos que tomou a iniciativa de executar em cartão, ferro e madeira, uma artistica moldura para o retrato do sr. Marques Leitão*

possivel para permitir a instrução e educação do maior numero de alumnos que, admitidos como pertencendo á classe civil, possam aproveitar os preciosos meios instrutivos e educativos que tanto

vivem sempre o bastante para sofrerem as consequencias dos seus actos.

FUNCK-BRENTANO.